

O ROSÁRIO

com Santa Teresa de Jesus

3ª Edição

Título: O Rosário com Santa Teresa de Jesus

Textos: Santa Teresa de Jesus

Organização e adaptação: Manuel Reis

1.^a edição: 1998

2.^a edição: Maio 2000

Depósito Legal: 545117/25

ISBN: 978-972-640-216-9

© 2025, Edições Carmelo

Convento de Avesadas

Apartado 141

4634-909 Marco de Canaveses

Tel.: 255 531 354

E-mail: editorial@carmelo.pt

www.carmelo.pt

Composição e paginação:

Edições Carmelo

Impressão:

Artipol - Águeda

INTRODUÇÃO

«Como deveis rezar a Ave Maria»

Teresa de Ávila amou Nossa Senhora desde a sua infância, até ao fim da sua vida. Conheceu, por experiência própria as «alegrias», as «dores» e as «glórias» de Maria. Podemos dizer que, desde muito cedo, «comungou com a alma da Virgem Maria».

«Era meu pai afeiçoado a ler bons livros e assim os tinha em vernáculo para que seus filhos os lessem. Isto, com o *cuidado que minha mãe tinha em fazer-nos rezar e sermos devotos de Nossa Senhora e de alguns Santos*, fez-me despertar – segundo me parece – na idade de seis ou sete anos» (V 1,1).

«Procurava *solidão* para rezar as minhas *devoções* que eram muitas, em especial o *Rosário*, do qual a minha *mãe* era muito devota e assim nos fazia *sê-lo*» (V 1, 6).

«Recordo-me de que, quando morreu minha mãe, fiquei da idade de doze anos, pouco menos. Quando comecei a perceber o que tinha perdido, fui-me, aflita,

a uma *imagem de Nossa Senhora* e supliquei-Lhe, com muitas lágrimas, que *fosse minha Mãe*. Embora o fizesse com simplicidade, parece-me que me tem valido; porque conhecidamente tenho encontrado a esta Virgem soberana, sempre que me tenho encomendado a Ela, e, enfim, tornou-me a Si» (V 1, 7).

«Como se rezará bem o Pai-Nosso»

«A oração não é para mulheres, pois podem-lhe advir ilusões»; «melhor será que fiem»; «não necessitam dessas delicadezas»; «*basta o Pai Nosso e a Ave Maria*»... Isto também eu digo; e se basta! É sempre bem fundar a vossa oração sobre orações ditas por uma tal boca como a do Senhor. Nisto têm razão que, se a nossa fraqueza não estivesse tão fraca e a nossa devoção tão tibia, não seriam precisos outros concertos de orações nem seriam precisos outros livros» (CV 21, 2-3).

«Se, estando a falar, estou perfeitamente a entender e a ver que falo com Deus, pondo nisto mais advertência do que nas palavras que digo, juntas estão aqui oração mental e vocal. Salvo se vos dizem que podeis estar a falar com Deus, *a rezar o Pai Nosso* e a pensar no mundo: que então calo-me. Mas se quereis estar, como é de razão que se esteja, a falar com tão grande Senhor, *é bem*

que estejais a olhar com quem falais e quem sois, sequer ao menos para falar com cortesia (...) Eu hei-de juntar sempre a oração mental à vocal (...) Quem poderá dizer que é mal, se começamos a rezar [a Liturgia das] Horas ou o rosário, que se comece por pensar com quem se vai falar e quem é aquela que fala, para ver como se deve tratar? (...) Sim, aproximai-vos pensando e entendendo, ao chegar, com quem ides falar ou com quem estais a falar. Em mil vidas das nossas não acabaremos de entender como merece ser tratado este Senhor diante de quem tremem os anjos (...) Porque nos hão-de impedir que procuremos entender quem é este Homem, e quem é Seu Pai, e qual a terra para onde me vai levar e quais são os bens que me promete dar, qual a Sua condição, como O poderei contentar, em que lhe darei prazer, e estudar como hei-de tornar a minha condição conforme à Sua?» (CV 22,1. 3. 7).

«Nunca me viera ao pensamento que havia tão grande segredo nesta oração evangélica, que encerra em si todo o caminho espiritual desde o princípio até engolfá-los Deus e dar-lhes a beber abundantemente na fonte de água viva (...) E pois tantas vezes dizemos durante o dia o *Pai Nosso*, regalemo-nos com ele e procuremos aprender de tão excelente Mestre a humildade com que ora» (CE 73, 3-4).

«Pensei dizer-vos também algo de *como deveis rezar a Ave Maria*; mas alarguei-me tanto, que ficará, e basta entender *como se rezará bem o Pai Nosso* para todas as orações vocais que tiverdes de rezar» (CE 73, 2).

«Por subida que seja a oração, é preciso (...) que nos ajudemos com a *meditação*» (5 M 7, 8).

«É que, pensar e esquadrinhar o que o Senhor passou por nós, move-nos à compaixão e é saborosa esta pena e as lágrimas que daqui procedem. Pensar na glória que esperamos e no amor que o Senhor nos teve e na Sua ressurreição, infunde em nós um gozo que nem é de todo espiritual nem sensível, mas sim virtuoso, e pena muito meritória» (V 12, 1).

«O Mestre que nos ensinou esta oração»

«Quero agora aconselhar-vos e, até posso dizer, ensinar-vos (pois, como mãe, pelo ofício que tenho de priora, é lícito) *como haveis de rezar vocalmente*, porque é justo entendais o que dizeis. E, como quem não pode pensar em Deus, pode ser que também se canse com largas *orações*, tão-pouco me quero intrometer nelas, senão nas *que forçosamente devemos rezar*, pois somos cristãos, que são *o Pai nosso e a Ave Maria*, para que não

possam dizer de nós que falamos e não entendemos o que dizemos; salvo se nos parecer que basta fazê-lo por costume, pronunciando só as palavras, e que isto basta! Se basta ou não, nisso não me intrometo: os letrados o dirão. O que eu queria, filhas, que fizéssemos é que não nos contentássemos só com isso; porque, quando digo: “Credo”, parece-me ser de razão que entenda e saiba o que creio; e quando digo: “Pai Nosso”, será amor compreender *quem é este Nosso Pai e quem é o Mestre que nos ensinou esta oração*» (CV 24, 2).

«O que podemos fazer da nossa parte é procurar estar a sós (...) para entendermos com quem estamos e que o Senhor responde às nossas petições. Pensais que está calado embora não O ouçamos? Bem fala Ele ao coração, quando do coração Lhe pedimos. E bom é que *consideremos, cada uma, que foi a nós mesmas a quem o Senhor ensinou esta oração*, e que no-la está apontando; pois nunca o mestre fica tão longe do discípulo que seja preciso falar em altas vozes, mas muito perto. Isto quero eu que entendais: *para rezar bem o Pai Nosso convém-vos não vos apartar de junto do Mestre que vo-lo ensinou*» (CV 24, 4).

«É mesmo obrigação procurarmos rezar com adverteência; e praza ainda a Deus que, com estes remédios, vá bem rezado o Pai Nosso e não acabemos em outra coisa

impertinente. Tenho-o experimentado algumas vezes, e o melhor remédio que encontro é procurar trazer o pensamento n'Aquele a quem dirijo estas palavras. Por isso, tende paciência e procurai criar o costume de coisa tão necessária» (CV 24, 5).

«Também vos parecerá que quem goza de coisas tão altas, não terá *meditação nos mistérios da Sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo*, porque já se exercitará toda em amor. Isto é uma coisa... e conquanto nisso me tenham contradito... a mim não me farão confessar que é bom caminho» (6 M 7, 5).

«Se perdem o guia – que é o bom Jesus – não acertarão com o caminho» (6 M 7, 6).

ÍNDICE

Introdução.....	5
Esquema da oração.....	11

I. MISTÉRIOS GOZOSOS

1. A Anunciação	14
2. A Visitação	16
3. O Nascimento	18
4. A apresentação de Jesus no templo.....	20
5. A perda e o encontro de Jesus.....	22

II. MISTÉRIOS LUMINOSOS

1. O Baptismo de Jesus no Jordão.....	26
2. A Revelação de Jesus nas Bodas de Caná.....	28
3. O Anúncio do Reino e o convite à Conversão.	30
4. A Transfiguração do Senhor.....	32
5. A Instituição da Eucaristia	34

III. MISTÉRIOS DOLOROSOS

1. A Agonia	38
2. A Flagelação	40
3. A Coroação de espinhos	42
4. Jesus carrega com a Cruz.....	44
5. A Crucifixão	46

IV. MISTÉRIOS GLORIOSOS

1. A Ressurreição.....	50
2. A Ascensão	52
3. O Pentecostes.....	54
4. A Assunção de Maria	56
5. A Coroação de Maria	58
Conclusão	61